

## O MODO ARGUMENTATIVO NA CARACTERIZAÇÃO DO *ETHOS* DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA ADOLESCENTES

### ARGUMENTATIVE MODE IN DESCRIPTION OF THE *ETHOS* OF SELF-HELP DISCOURSE FOR TEENAGERS

Marília Molina Furlan<sup>1</sup>

**Resumo:** *O objetivo deste artigo é apresentar a argumentação encontrada na análise do **ethos** discursivo em uma das obras de autoajuda para adolescentes selecionadas para pesquisa, a saber, “Não faça tempestade em copo d’água para adolescentes”, de Richard Carlson (2001). Adota-se, como modelo teórico-metodológico de análise, as reflexões da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente as de Maingueneau (2008) a respeito da noção de **ethos** discursivo, e a perspectiva semiolinguística de Charaudeau (2010) sobre o modo de organização argumentativo. Como resultados da pesquisa, verificaram-se entre os principais procedimentos argumentativos no **corpus** as definições de comportamentos, as comparações qualitativas, as citações de experiência, as descrições narrativas e os questionamentos de denegação. Verificaram-se também quais os efeitos de sentido dos diversos procedimentos argumentativos na obra selecionada para a construção da imagem do sujeito enunciador projetada no próprio modo de exprimir deste sujeito.*

**Palavras-chave:** Argumentação; *Ethos*; Autoajuda.

**Abstract:** *The purpose of this article is to present the argument found in the analysis of discursive **ethos** of the book of self-help for teenagers selected for research, namely, "Don't sweat the small stuff for teens", by Richard Carlson (2001). Is adopted as theoretical-methodological model, the reflections of Discourse Analysis of French Line, specifically the Maingueneau (2008) about the notion of discursive **ethos**, and the semiolinguistic viewpoint of Charaudeau (2010) on the mode of organization argumentative. As the survey results, there were among the main argumentative procedures in the **corpus** definitions of behaviors, qualitative comparisons, quotes of experience, narrative descriptions, and questions of denial. There were also what the meaning effects of various argumentative procedures in the book selected for the construction of the image of subject of the enunciation projected on the own way of expressing this subject.*

**Key-words:** Argument; *Ethos*; Self-help.

## 1 Introdução

O discurso de autoajuda tem despertado interesse nos meios acadêmicos, especificamente entre pesquisadores das áreas humanas. Pesquisas que variam desde a análise das condições sócio-históricas de constituição e desenvolvimento deste tipo de discurso até aquelas que enfocam seus aspectos argumentativos, retóricos, estilísticos e enunciativos estão

---

<sup>1</sup> Mestranda (bolsista CAPES) do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/IBILCE). São José do Rio Preto, Brasil, mariliamolinafurlan@yahoo.com.br.

sendo produzidas em diversas instituições universitárias. Como exemplos da segunda vertente de pesquisas sobre este tipo de discurso, citam-se os de Brunelli (2004), Pereira (2005) e Sobral (2006). Dentre os estudos sobre autoajuda, orientados especificamente aos seus aspectos linguísticos e discursivos característicos, sobressaem-se aqueles que buscam identificar procedimentos de argumentação a que recorrem os enunciadores destas obras para angariar a adesão de seu público leitor. Estudos como os de Alonso (2010), Lima (2005) e Oliveira (2006), que especificam, sob quadros teóricos argumentativos, os tipos de argumentação e os recursos utilizados por seus enunciadores para a enunciação do discurso de autoajuda são exemplos cada vez mais frequentes do que está sendo produzido nas pesquisas atuais. A noção de argumentação, desde os pontos de vista assinalados nas pesquisas mencionadas, pressupõe que ela se constitui de recursos linguístico-estilísticos mobilizados conscientemente pelo enunciador, para a produção de uma enunciação discursivamente eficaz, sendo tais recursos previamente selecionados para o alcance da meta por ele estabelecida, ou seja, o convencimento do público-leitor sobre a validade das teses mencionadas e justificadas. Desta forma, variadas pesquisas sobre como se constrói linguisticamente o processo argumentativo de obras de autoajuda são produzidas obedecendo a tal concepção sobre a argumentação.

Diferentemente destas pesquisas, a proposta deste artigo, a análise de procedimentos argumentativos na construção do *ethos* discursivo no discurso de autoajuda para adolescentes, pressupõe uma perspectiva de argumentação que alie, de maneira intrínseca, língua, discurso e argumentação. Trata-se de considerar que o *ethos* discursivo, como imagem do enunciador projetada no seu próprio modo de expressão e uma das características de uma formação discursiva (cf. MAINGUENEAU, 2005b), constitui-se pelas propriedades do modo de enunciação típico de um determinado tipo de discurso, o qual pode manifestar diferentes graus de argumentatividade em seu modo de organização. Desta forma, a materialidade discursiva, ou seja, sua realidade linguística, pode manifestar, em diversas medidas, traços de argumentação ou de determinada orientação argumentativa relativa ao modo de enunciação característico desta formação discursiva. A língua, materialidade em que se manifestam os discursos, nos usos em cada processo enunciativo em que ocorre, estará vinculada ao processo argumentativo das formações discursivas que a concretizam. Assim, ocorrem, nas produções textuais, variados graus de explicitude da argumentatividade, que são resultados do processo de enunciação dos diversos discursos, determinados por características semânticas e enunciativas específicas. Além disso, há o fato de que os discursos são fenômenos ideológicos, portanto, não são isentos de argumentação, já que, como materialidade

ideológica, manifestam representações de pontos de vista das formações sociais a que se associam. Por conseguinte, como se verá posteriormente, a forte argumentatividade da obra do *corpus* contribui para a construção da imagem do sujeito enunciador projetada no seu modo de expressão, auxiliando na caracterização de seu *ethos* discursivo, determinado pelas particularidades da formação discursiva a que pertence tal produção textual, a saber, a da autoajuda.

O *corpus* deste artigo é composto pela obra “Não faça tempestade em copo d’água para adolescentes”, escrita pelo terapeuta americano especializado em relacionamentos, Richard Carlson (2001). Autor reconhecido de outras obras de autoajuda, Carlson é apresentado pelos editores como palestrante e consultor de estresse.

Em relação à análise dos procedimentos argumentativos na obra em questão, recorreu-se às considerações teóricas de Charaudeau (2010) sobre o modo de organização argumentativo, fez-se o levantamento das ocorrências de seus principais recursos, a identificação dos efeitos de sentido destes e a correlação dos efeitos de sentido com a imagem do sujeito enunciador do discurso de autoajuda para adolescentes, cuja caracterização foi o objetivo principal da pesquisa a qual se vincula este artigo. Portanto, antes da exposição propriamente dita da análise destes procedimentos argumentativos, convém mencionar os quadros teóricos em que tal análise se baseia: as considerações de Maingueneau (2008) a respeito de *ethos* discursivo e a proposta semiolinguística de Charaudeau (2010) sobre argumentação.

## **2 Sobre *ethos* discursivo**

A noção de *ethos* remonta à Retórica Antiga, a primeira disciplina a preocupar-se com a construção da imagem de si por um orador em seu discurso. Mais recentemente, outras teorias linguísticas, em especial as pragmáticas e as discursivas, reformulam o conceito em seus respectivos quadros teóricos, como observa Maingueneau (2008). Convém destacar, portanto, os princípios comuns que norteiam esses diversos tratamentos e as contribuições da Análise do Discurso para o desenvolvimento desse conceito.

Na retórica, provavelmente a primeira elaboração conceitual de *ethos* foi esboçada por Aristóteles, segundo o qual o *ethos* se destina a “causar boa impressão pela forma que se constrói o discurso, dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança” (MAINGUENEAU, 2008, p. 13). Dessa maneira, entende-se que o *ethos* é um saber inferido a partir da enunciação e não um saber extradiscursivo sobre o locutor. Assim,

ao destinatário cabe a tarefa de atribuir certas características à entidade que se manifesta como origem da enunciação, considerando o modo como enuncia. Para Aristóteles, um orador, tendo em vista o auditório ao qual se destinava a sua enunciação, organiza seu discurso considerando três aspectos: os argumentos (*logos*), as paixões (*pathos*) e as condutas (*ethos*). Além disso, deve observar três qualidades fundamentais na construção do *ethos*: a prudência (*phronesis*), a virtude (*aretè*) e a benevolência (*eunoia*). Empregando corretamente os argumentos, recorrendo às paixões e adequando sua enunciação a certas condutas, o orador oferece ao destinatário uma experiência sensível desse discurso, predispondo-o à sua adesão. A persuasão do auditório será resultado, portanto, também do *ethos* do orador, que deve se aproximar do auditório, para criar a impressão de que o enunciador é um dos membros daqueles que o ouvem.

Uma contribuição da Pragmática para a compreensão da noção de *ethos* vem da distinção que Ducrot (1984, *apud* MAINGUENEAU, 2008) faz entre o locutor enquanto instância enunciativa e enquanto sujeito real, existente no mundo extradiscursivo. Considerando essa distinção, entende-se que o *ethos*, assim como o locutor apreendido como enunciador, mostra-se na enunciação, sem ser dito no corpo do enunciado. Ou seja, essa imagem do enunciador é percebida no discurso, sem ser o objeto deste discurso, o que significa que o *ethos* não se identifica com os atributos reais do locutor, mesmo que seja associado a ele. A esse respeito, Maingueneau (2008) afirma que o destinatário atribui ao locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são, na verdade, intradiscursivos, pois são associados a uma forma específica de dizer, de enunciar. Na verdade, não se trata de traços exclusivamente intradiscursivos porque também intervêm na elaboração do *ethos* pelo destinatário dados exteriores ao discurso do locutor, tais como mímicas, trajes, gestos, etc.

Uma dificuldade apontada por Maingueneau (2008) concernente à noção diz respeito justamente ao fato de que a sua caracterização depende da atuação conjunta de fatores de diversas ordens, linguísticas ou não: registro da língua, planejamento textual, ritmo, gestos, modo de vestir, etc. Isso implica para o enunciatário uma percepção e uma postura interpretativa mais complexa, já que deverá observar indícios linguísticos e do ambiente em que ocorre a enunciação. O *ethos* abrange, então, o comportamento verbal e não-verbal do enunciador. Como ressalta Maingueneau (2008), há sempre elementos contingentes num ato de comunicação em relação aos quais é difícil dizer se fazem ou não parte do discurso, embora influenciem a construção do *ethos* pelo destinatário. É relevante destacar que esta apreensão do *ethos* pelo destinatário pode não corresponder ao pretendido pelo enunciador.

O *ethos* também pode ser considerado sob diversas perspectivas: ele pode relacionar-

se a um aspecto mais concreto (imagem, feições, ar, tom) ou mais abstrato da figura do enunciador (costumes oratórios, caráter, retrato moral); pode ser considerado mais ou menos saliente, manifesto, singular ou coletivo, partilhado, implícito, visível, fixo, convencional ou ousado. Para Kerbrat-Orecchione (1996, *apud* MAINGUENEAU, 2008), por exemplo, o *ethos* é o conjunto de hábitos locucionais partilhados por membros de uma comunidade, compondo um quadro invisível e imperceptível.

Maingueneau, apesar das dificuldades associadas à noção, elenca os seguintes princípios mínimos que embasam o construto teórico de *ethos*: (i) o de que se trata de uma noção discursiva, isto é, que ele se constrói através do discurso (não é uma imagem independente da enunciação); (ii) o de que se trata de um processo interativo de influência sobre o outro; (iii) o de que se trata de uma noção híbrida (sócio-discursiva), “um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação comunicativa específica, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

Para o autor, a noção mantém um laço especial com a reflexividade enunciativa e permite articular corpo e discurso para além da distinção entre oral e escrito. Mais exatamente, a instância subjetiva que se manifesta no discurso se deixa conceber como uma espécie de “voz” indissociável de um corpo enunciante, que é historicamente especificado. Desse modo, todos os textos, mesmo os escritos, tem um vocalidade, que pode se manifestar numa multiplicidade de tons<sup>2</sup> associados a uma certa caracterização do corpo do enunciador, considerado o “fiador”, isto é, o responsável pela enunciação. Esse fiador é construído pelo destinatário a partir dos índices liberados na enunciação.

Com essa perspectiva, Maingueneau (2005a) desenvolve uma concepção de *ethos* que ele chama de “encarnada”, recobrando não só a dimensão verbal, mas também o conjunto de determinações físicas e psíquicas do “fiador”. Essas determinações, por sua vez, dizem respeito a representações coletivas estereotípicas. Assim, atribui-se ao fiador um certo *caráter* (concebido como um feixe de traços psicológicos) e uma certa *corporalidade* (uma constituição física associada a uma forma de se vestir), que juntos implicam uma forma específica de se mover no espaço social, um certo comportamento associado a estereótipos sociais que a enunciação contribui para manter ou transformar e nos quais os destinatários se apoiam para sua apreensão da imagem do enunciador. Assim, entende-se que o destinatário tem um papel relevante na construção do *ethos* do enunciador, pois é ele que, com base nos

---

<sup>2</sup> Maingueneau prefere empregar o termo “tom”, pela vantagem de valer tanto para o escrito quanto para o oral.

traços intradiscursivos, relaciona o modo de dizer do enunciador a representações coletivas e culturais relativas a modos específicos de habitar o mundo, atribuindo, desse modo, ao fiador certa imagem psicológica e social.

Com essa concepção encarnada de *ethos*, Maingueneau (2005a) explica como se dá o processo de adesão de um destinatário a um determinado discurso. Esse processo, chamado pelo autor de *incorporação*, é constituído pelas seguintes etapas:

- num primeiro momento, a enunciação dá corporalidade ao seu fiador, ela lhe dá corpo;
- em seguida, o destinatário incorpora, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a maneiras específicas de se remeter ao mundo, habitando seu próprio corpo;
- as duas incorporações anteriores permitem a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem a um mesmo discurso.

Maingueneau (2005a) distingue o *ethos pré-discursivo* do *ethos discursivo*. Se neste a imagem do enunciador é construída pelo enunciatário com base nos indícios discursivos, o primeiro resulta de representações prévias do enunciador. Maingueneau (2005) acrescenta que a existência dos dois tipos de *ethe* não se dá necessariamente em todos os discursos, pois há aqueles que prescindem dessas imagens construídas *a priori* pelos destinatários dos discursos. O *ethos* discursivo é o produto da interação de outros dois tipos: o *ethos dito* e o *ethos mostrado*, que é o *ethos* mostrado pela enunciação. O primeiro diz respeito aos fragmentos dos textos que evocam sua própria enunciação, revelando a imagem que tem de si, e/ou nos quais o enunciador faz alusões a outras cenas de fala. Para Maingueneau (2005a), os limites entre o *ethos* dito sugerido e o mostrado não são muito claros, por isso defende um continuum entre esses dois tipos de *ethe*.

Além dessas propriedades, o *ethos* está vinculado à cena de enunciação, que, segundo Maingueneau (2005a), engloba três cenas: a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso; ela confere ao discurso seu estatuto pragmático (por exemplo: discurso literário, discurso religioso, discurso filosófico, discurso publicitário). A *cena genérica*, por sua vez, diz respeito ao contrato associado a um determinado gênero (editorial, sermão, guia turístico, visita médica, receita, etc.). Finalmente tem-se a cenografia, cena construída pelo próprio texto, que não é necessariamente imposta pelo gênero; assim, por exemplo, um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral. A *cenografia* é exatamente o lugar onde o fiador do discurso está inserido, assumindo certo modo de enunciação.

Consideradas estas reflexões sobre a noção de *ethos* discursivo, mencionar-se-á, na

sequência, as reflexões de Charaudeau (2010) sobre argumentação e procedimentos argumentativos.

### 3 Sobre o modo de organização argumentativo

Como dito anteriormente, a análise do modo de organização argumentativo do discurso de autoajuda para adolescentes e da influência deste para a construção do *ethos* discursivo fundamenta-se nas reflexões teóricas de Charaudeau (2010). O autor francês desenvolve, na obra intitulada “Linguagem e discurso: modos de organização”, um trabalho semiolinguístico de descrição dos modos de organização do discurso. Desta forma, conforme explicita o autor, a perspectiva semiolinguística sobre fenômenos da linguagem considerados neste trabalho considera como objeto de estudo o ato de linguagem, mais especificamente, um ato de comunicação. Cada ato (cada enunciação, mais propriamente) implica: a situação de comunicação — constituída pelo “tempo físico e *mental* no qual se acham os parceiros da troca linguageira, os quais são determinados por uma *identidade* (PSICOLÓGICA E SOCIAL) e ligados por um contrato de comunicação” (CHARAUDEAU, 2010, p.68, grifos do autor); um dos modos de organização do discurso (compostos de fundamentos que norteiam a organização da estrutura linguística, dependentes das finalidades comunicativas do sujeito que enuncia); a língua – “material verbal estruturado em categorias linguísticas que possuem [...] uma *forma* e um *sentido*” (CHARAUDEAU, 2010, p. 68, grifos do autor) e o texto como a materialidade decorrente de escolhas (conscientes ou não) do sujeito falante entre as categorias de língua e os modos de organização do discurso, delimitadas por restrições da situação. Entretanto, como se aborda no artigo uma perspectiva discursiva na análise do *corpus*, considera-se que as tais restrições pelas quais sofrem os textos dos atos de comunicação não obedecem exclusivamente aos parâmetros da Situação de comunicação, tal como compreendida por Charaudeau (2010), mas também às restrições das formações discursivas aos quais pertencem, aos posicionamentos discursivos dos sujeitos enunciantes, que especificam modos de enunciação específicos (incluindo, neste caso, os modos de organização discursivos) para suas produções textuais. Ou seja, enunciar em um determinado lugar discursivo implica adotar um modo específico de enunciação, com determinado grau de argumentatividade, atividade que o identifica como um ato de enunciação correspondente ao que é típico de determinada formação discursiva.

Sobre o modo de organização argumentativo, destacam-se, neste artigo, as seguintes considerações de Charaudeau (2010) para a análise do *ethos* na obra selecionada: o conceito de argumentação, os elementos de base da argumentação, os escopos do valor de verdade da

argumentação, os componentes da encenação argumentativa, seus tipos de configuração, as posições do sujeito argumentante e os procedimentos semânticos (domínios de avaliação) e discursivos (mais propriamente textuais) da encenação argumentativa.

Segundo Charaudeau (2010), a atividade de argumentação “passa pela expressão de uma convicção e de uma explicação que [o sujeito que argumenta] tenta transmitir ao interlocutor para persuadi-lo a modificar seu comportamento” e seus objetivos incidem sobre a busca de uma racionalidade, de modo que se construa um ideal de verdade para a explicação dos fenômenos, e sobre a busca de influência, de modo que haja um compartilhamento com o outro de um determinado universo discursivo, de crenças e de convicções. A existência da argumentação pressupõe três elementos principais: uma proposta sobre o mundo (é necessário que esta levante alguma questão, especialmente em relação à sua veracidade dentro de um determinado conjunto de valores e perspectivas sobre o mundo), um sujeito que se engaje no desenvolvimento de um raciocínio que estabeleça como legítima ou não, aceitável ou não, a proposta sobre o mundo e um outro sujeito, ao qual se dirige o sujeito que argumenta com o objetivo de conduzi-lo a compartilhar da mesma posição sobre a validade da proposta de mundo colocada em questionamento.

Sobre o modo argumentativo, Charaudeau (2010) analisa seus componentes organizando-os em função da organização da lógica argumentativa e da encenação argumentativa. A análise desta última pressupõe dois níveis de abordagem: o primeiro corresponde às condições externas de produção dos enunciados (inclusive no que se refere aos seres sociais e psicológicos definidos por traços de identificação pertinentes ao ato comunicacional, portanto externos ao ato de linguagem – o ser comunicante e o ser interpretante), e o segundo, às condições internas ao dizer (incluindo o que se refere às instâncias instauradas pela enunciação, internos ao ato de linguagem, definidos por papéis linguageiros – o sujeito enunciador e o sujeito destinatário, pressupostos pelo ato de comunicação). Somente neste último nível de abordagem situa-se o interesse da análise para os dados do *corpus* deste artigo.

No que concerne à organização da lógica argumentativa, os elementos de base da relação argumentativa são: a asserção de partida, a asserção de chegada e a asserção de passagem. Em relação à primeira, trata-se de um dado dizer sobre o mundo de modo que por meio dele se dê a existência de seres, a atribuição de suas características e a descrição de suas ações ou feitos. Em outras palavras, refere-se ao que anteriormente se afirmou sobre a proposta de mundo, um dos constituintes primordiais para a argumentação. Charaudeau (2010) identifica a asserção de partida como o dado ou a premissa a ser questionada e

justificada pela argumentação. A asserção de chegada, por outro lado, indica aquilo “que deve ser aceito em decorrência da asserção de partida (A1) em decorrência da relação que une uma à outra”. Ou seja, trata-se da afirmação que deve ser aceita como verdade, válida ou legítima pelo outro a quem se dirige o sujeito que argumenta. As asserções de passagens são formadas por enunciados que justificam a relação das asserções de partida e de chegada e, segundo Charaudeau (2010), formam “um universo de crença sobre a maneira como os fatos se determinam mutuamente na experiência ou no conhecimento de mundo”. Este universo de crença é determinado, segundo uma perspectiva discursiva, pelas formações discursivas às quais os sujeitos se identificam e às formações ideológicas que as sustentam. Estas asserções de passagem são as provas, as inferências ou os argumentos que informam sobre as relações de causalidade entre as duas primeiras asserções.

Os escopos do valor de verdade das asserções podem ser diferenciados como genéricos (válidos para inúmeros casos em que ocorrem a relação da asserção de partida com a asserção de chegada), particulares (a relação entre as asserções de partida e de chegada limitam-se a situações específicas) ou hipotéticas (a relação entre as asserções depende do grau de existência da asserção de partida).

Segundo a perspectiva de Charaudeau (2010) sobre a encenação argumentativa, esta implica propostas sobre o mundo instauradas dentro de um quadro de questionamento e de persuasão que se realiza sob certas configurações delimitadas pelo contrato de fala a partir do qual interagem os parceiros da comunicação. Neste artigo, entretanto, entende-se por parceiros da comunicação as entidades enunciativas internas ao dizer e não os seres físicos que estabelecem de fato uma interação ou processo comunicativo. Este contrato de fala, mencionado por Charaudeau (2010), sob o ponto de vista adotado no artigo, é pressuposto pelas especificidades das relações entre enunciador e enunciatário previstas pelas características enunciativas particulares das formações discursivas a que se relaciona. Como elementos que compõem o dispositivo argumentativo básico (o contrato de fala pressuposto neste modo de organização discursiva), estão, como dito anteriormente, uma proposta (uma tese), uma proposição (referente à tomada de posição do sujeito sobre a proposta de mundo colocada em questionamento: acordo ou desacordo com a tese questionada ou ainda uma neutralidade em relação a esta, ponderando os seus prós e os contras) e um ato de persuasão (consiste na justificativa, refutação ou ponderação do ponto de vista em questão).

Charaudeau (2010) especifica ainda os diversos tipos de configuração de um processo argumentativo: os que se referem à situação de troca monologal ou à situação de troca dialogal ou os que se referem ao contrato de comunicação pressuposto. Na situação de troca

monologal, um mesmo sujeito oferece uma proposta a ser questionada, constrói a proposição que sustenta seu ponto de vista sobre a tese em questão e desenvolve os processos de persuasão. Na situação de troca dialogal, são as réplicas da troca linguageira que desenvolvem os componentes da proposta, proposição e persuasão do texto. Já em relação ao contrato de comunicação, o texto pode apresentar explicitamente os termos da encenação argumentativa (qual é a tese, qual o ponto de vista assumido e qual é o quadro de persuasão adotado) ou deixar implícito tais elementos, sendo a identificação deles resultado da interpretação das asserções que o constituem.

Os sujeitos argumentantes podem então posicionar-se, em relação à proposta, favoráveis ou contrários a sua legitimidade ou validade ou apenas ponderar os argumentos a favor ou contrários. Em relação a sua própria argumentação, os sujeitos podem engajar-se pessoalmente na argumentação ou não, colocando ou não a si mesmo e aos outros em causa no processo argumentativo.

Por fim, Charaudeau (2010) especifica quais os procedimentos semânticos e discursivos que contribuem na produção de argumentos. No caso dos procedimentos semânticos, eles “consistem em utilizar um argumento que se fundamenta num consenso social pelo fato de que os membros de um grupo sociocultural compartilham determinados valores, em determinados domínios de avaliação”. Este consenso de formações sociais é proporcionado pela identificação dos sujeitos às formações discursivas que reúnem os valores sociais por eles partilhados. Os domínios de avaliação dos argumentos que agrupam critérios e valores para sua legitimação são: o da Verdade (refere-se ao domínio que identifica, em termos de verdadeiro ou falso, a existência de seres, sua autenticidade e sua unicidade e o âmbito de saber como princípio de explicação dos fenômenos do mundo), o do Estético (a avaliação dos seres, suas representações ou seus objetos ocorre em termos de belo e feio), o do Ético (os comportamentos humanos são definidos em termos de bem ou mal em relação a uma moral determinada pelas regras do consenso social ou em relação a uma moral determinada pelas regras de conduta do próprio indivíduo), o do Hedônico (que identifica os sentidos dos sujeitos em relação aos projetos e ações como agradável ou desagradável) e o do Pragmático (que avalia, mediante um cálculo, a utilidade ou não de projetos e ações humanas).

Os procedimentos discursivos, por outro lado, identificam-se pelos usos sistemáticos de certas categorias linguísticas para a produção dos efeitos de persuasão dos textos. Charaudeau (2010) destaca os seguintes: a definição, a comparação, a citação, a descrição narrativa, a reiteração e o questionamento.

A definição tem como objetivo a descrição de traços semânticos que caracterizam seres, objetos, ações, palavras, emoções, entre outros. Embora também seja um procedimento linguístico utilizado para a construção do modo de organização descritivo, é o uso estratégico que a identifica como um procedimento argumentativo. A definição com fins argumentativos auxilia na produção de efeitos de evidência e de saber para o indivíduo que a utiliza em sua argumentação. Ela é subdividida por Charaudeau (2010) em dois tipos principais: a definição de um ser (por meio de distinções de sentido em torno de uma noção, de recurso à propriedade dos termos ou de falsa tautologia) e a definição de comportamentos.

A comparação focaliza a relação de similaridade e de diferença entre as entidades envolvidas (na comparação qualitativa) ou focaliza a relação de quantidade ou de gradualidade de propriedades entre elas (na comparação quantitativa). Segundo o autor, o recurso à comparação visa reforçar uma evidência, produzindo, se for objetiva, um efeito pedagógico ao buscar melhorar o processo de compreensão de um dado fenômeno. A comparação, como pôde ser observado anteriormente, pode se dar por semelhança (identificando igualdades, proporcionalidades ou extensões de propriedades) ou por dessemelhança (evidencializando desigualdades, não proporcionalidades e não extensão de propriedades). Ela pode ainda ser objetiva (com comparantes verificáveis) ou subjetiva (analogias imagéticas).

A descrição narrativa refere-se ao processo de descrever fatos para reforçar provas ou produzi-las. Como efeito, ela funciona como exemplificação dos argumentos selecionados.

Outro procedimento discursivo analisado por Charaudeau (2010) é a citação. Como fenômeno do que se denomina de discurso relatado, a citação relaciona-se a referência mais fiel possível aos dizeres de outros sujeitos para aferir à argumentação traços de autenticidade. A citação visa ser a fonte de verdade, o testemunho de um dizer (destaca as próprias declarações de outra fonte para constatar ou comprovar algo), de uma experiência (destaca o que alguém declara sobre o que vivenciou ou experienciou) ou de um saber (destaca o que se conhece em um determinado quadro científico ou o que diz uma voz de autoridade).

A acumulação, como a própria denominação já informa, define-se pelo agrupamento de vários argumentos para uma mesma evidência, o que pode ser realizada em uma gradação de argumentos ou não.

O último procedimento discursivo de argumentação descrito por Charaudeau (2010) é o questionamento, que busca a produzir uma validação de uma hipótese. O questionamento, como procedimento argumentativo, exerce as seguintes funções: de incitação a fazer (solicita uma solução para uma lacuna a ser preenchida da tese colocada em discussão), de proposta de

uma escolha (solicita a decisão do interlocutor sobre uma oferta que lhe é feita), de verificação do saber (mostra o que o sujeito argumentante sabe e assegura a sua superioridade, em relação a um quadro de conhecimento, sobre aquele a que se dirige o questionamento), de provocação (revela uma apreciação do sujeito argumentante sobre o questionado, colocando em causa o estatuto deste, forçando-o a uma resposta) e de denegação (propõe um argumento que já será rejeitado, ao colocá-lo sob a forma como é realizada a questão).

Na sequência, serão analisados como os diversos aspectos do modo de organização argumentativo manifestam-se na obra “Não faça tempestade em copo d’água para adolescentes”, de Richard Carlson (2001). Na última seção, relacionar-se-á a análise à descrição do *ethos* discursivo característico da obra.

#### **4 Análise dos dados**

A obra em análise apresenta-se organizada em cem capítulos e cada um deles indica um dos passos que o enunciador aborda para a superação, pelos adolescentes, dos momentos de estresse de suas vidas. Não se trata, nesta obra, de especificar dicas ou modos de enfrentamento dos dilemas que são próprios aos adolescentes, os problemas específicos desta fase da vida, embora seja a eles direcionada. A enunciação é fundamentalmente argumentativa, já que o enunciador apresenta seus enunciados de forma a tentar convencer o seu leitor jovem da utilidade e da validade das sugestões mencionadas no alcance de uma vida mais tranquila.

Cada capítulo parte da premissa de que a adoção de cada sugestão do enunciador será válida para o enfrentamento de momentos de estresse. Ou seja, a asserção de partida de cada capítulo é a de que adotar determinada conduta evita o estresse. As asserções de transição que compõem os argumentos do texto evidenciam ou definem os benefícios de comportamentos associados à asserção de partida ou indicam os malefícios da adoção de comportamentos contrários às sugestões propostas nos capítulos. A asserção de chegada implica a necessidade ou a obrigatoriedade da adoção das sugestões mencionadas pelo enunciador para a resolução de situações de estresse pelos adolescentes, descartando outros tipos de conduta que poderiam agravá-las.

Os argumentos pelos quais o enunciador justifica suas dicas ressaltam as implicações psicológicas e sociais dos comportamentos mencionados, sejam eles os que o enunciador considera adequados, sejam os que ele considera inadequados, inapropriados. Estes comportamentos também são avaliados, principalmente, considerando-se a utilidade ou

inutilidade, ou seja, as consequências ou resultados que trazem para a vida do adolescente, no domínio semântico pragmático (o tipo mais recorrente na obra); considerando-se a obediência ou não às regras de conduta oriundas de um consenso social, ou seja, no domínio semântico do ético e considerando-se às sensações de bem-estar ou mal-estar acarretadas por tais comportamentos, ou seja, no domínio semântico do hedônico.

O enunciador também simula, enunciativamente, uma situação de troca dialogal, em que expressa pontos de vista distintos aos seus e aos quais os adolescentes poderiam argumentar em contrário às suas colocações, representa visões discordantes em seus enunciados para construir uma cena de diálogo com seu público leitor. O contrato de comunicação estabelecido na enunciação é explícita: as dicas sugeridas pelo enunciador constituem as propostas da argumentação, seus argumentos favoráveis a sua adoção compõem a proposição e os procedimentos discursivos de justificação dos argumentos favoráveis e de refutação dos argumentos contrários, o quadro de persuasão. Como já observado, portanto, em relação às propostas, o sujeito enunciador será sempre favorável e, como lhe pertencem, o enunciador adotará um posicionamento engajado na defesa ou no julgamento dos argumentos colocados em causa a favor das dicas e sugestões que propõe aos adolescentes sobre como controlar suas emoções em momentos de estresse. A validade das dicas e sugestões do enunciador ou escopo de seu valor de verdade é, na grande maioria dos casos, genérica, ou seja, a adoção dos passos para uma vida tranquila para os adolescentes aplicam-se a inúmeras situações da vida, em relação a inúmeros relacionamentos que estabelecem ao longo da adolescência, a diversos setores de sua vida.

Em relação ao processo de persuasão do público adolescente, o enunciador apresenta, entre os procedimentos discursivos mais recorrentes, as definições de comportamento, comparações qualitativas, citações de experiência e os questionamentos de denegação.

Na obra em análise, essencialmente orientada para a condução de atitudes que os jovens devem adotar para enfrentar as situações de estresse do cotidiano, as definições de comportamentos são as principais formas encontradas nos capítulos como modo de direcionar as condutas adequadas ou não em a uma vida tranquila. Através das qualificações das consequências dos comportamentos definidos (o que já implica a adoção de um dado ponto de vista associado à formação discursiva da autoajuda), o enunciador conduz o enunciatário para a avaliação do que é adequado ou não para as situações de estresse que o atingem. Especificamente, as condutas relacionadas aos passos sugeridos pelo enunciador apresentam definições de comportamentos e consequências benéficas e atitudes outras que não se relacionam a essas dicas manifestam-se como malélicas ao indivíduo, tanto em termos

psicológicos, quanto emocionais e sociais. Como exemplos dessas definições, seguem-se os enunciados abaixo:

- (01) “Sempre que você toma uma decisão ética, oferece seu apoio, opta pela honestidade ou estende a mão para alguém, você faz a diferença. Sempre que é educado, que recolhe o lixo, ou manda um cartão de agradecimento para alguém, você faz a diferença.” (CARLSON, 2001, p. 29)
- (02) “Resumidamente, viver a vida na pista de emergência significa que você trata praticamente tudo como – adivinhou! – uma emergência! Cada decisão parece vital, cada erro é considerado monumental. Há uma falta de objetividade quase completa. Você está sempre com pressa, ansioso para chegar a algum lugar diferente daquele em que está.” (CARLSON, 2001, p.47)
- (03) “Uma das coisas mais fáceis do mundo é ser um descobridor de erros. Como o nome sugere, essa é a tendência quase universal de estar sempre alerta, pensando nisso e constantemente apontando as falhas e imperfeições dos outros, da sociedade, do mundo e as suas também.” (CARLSON, 2001, p.61)

No que diz respeito às comparações, o que se verifica é o uso de comparações qualitativas, que enfocam especialmente semelhanças e diferenças entre comportamentos em diferentes situações de estresse ou semelhanças entre estes e comportamentos outros do cotidiano. No primeiro tipo, comparam-se vantagens e desvantagens de comportamentos agressivos ou não em situação de nervosismo para avaliação do leitor sobre qual destes comportamentos adotar. No último, tais comparações valem como modelos de condutas que os adolescentes devem seguir em momentos de estresse considerando-se outros fatos do mundo. Como exemplos deste procedimento, têm-se as ocorrências abaixo:

- (04) “Não vomite nos seus amigos! [...] No entanto, é interessante considerar o que muitos de nós são tentados a fazer quando têm o equivalente emocional da indisposição estomacal – quando estamos desorientados, caímos em depressão e ficamos perdidos emocionalmente. Em vez de manter distância para não contagiar os outros, como certamente fazemos quando estamos doentes, às vezes agredimos as pessoas que conhecemos — amigos, nossos pais e outros — com nossas lamentações.”(CARLSON, 2001, p.23).
- (05) “Você é o carpinteiro. Cada dia você martela um prego, prende uma tábuas, ou levanta uma parede. As suas atitudes e as escolhas que você faz *hoje* constroem a “casa” na qual você vai morar *amanhã*.” (CARLSON, 2001, p. 224).
- (06) “Se o seu objetivo é criar um monte de estresse em sua vida, sugiro que queime quantas pontes puder pelo caminho. Queimar pontes significa interagir com as pessoas de modo a garantir que elas nunca mais possam gostar de você e nunca mais queiram ter alguma coisa que ver com você. É como fechar uma porta para sempre. Uma ponte representa a ligação entre você e o outro lado. Se queimasse uma ponte, estaria eliminando um meio de atravessar. Da mesma forma, quando você queima uma 'ponte humana', está destruindo a sua ligação com outra pessoa, muitas vezes para sempre.”(CARLSON, 2001, p. 247).

Outro tipo de procedimento argumentativo encontrado no *corpus*, as citações (que para Charaudeau (2010) visa atingir um efeito de autenticidade aos argumentos do próprio enunciador) apresentam-se na obra em duas das formas que o teórico francês aborda em seu texto sobre o modo de organização argumentativo: citação de dizer e citação de experiência. A primeira forma presente na obra tem como objetivo, segundo Charaudeau (2010), “provar a veracidade de alguma coisa, para constatá-la, ou para destacar sua exatidão”. Porém ela é muito menos frequente que a citação de experiência, que destaca testemunhos dos pacientes do autor da obra sobre a adoção dos comportamentos propostos por ele nas terapias que realizavam. O enunciador, a instância enunciativa interna ao ato de linguagem, cita experiências de pacientes a fim de comprovar as consequências positivas de suas sugestões, muito embora as citações não sejam exatamente por meio de depoimentos em discurso direto e sim análises do enunciador sobre os testemunhos desses pacientes, o que pode acarretar em um direcionamento do enunciador para determinados pontos, uma “interferência” deste na interpretação do enunciatário sobre o que de fato foi experienciado pelos pacientes. Tais testemunhos são positivos em relação às fórmulas do enunciador e mostram as consequências e utilidades destas para as vidas destes pacientes. A seguir estão exemplos destas ocorrências.

- (07) “Segundo a opinião das duas, essa única mudança na comunicação entre elas teve um papel determinante no relacionamento. Estimulou-as a ouvir o que a outra dizia com atenção e a aprender uma com a outra.” (CARLSON, 2001, p.40).
- (08) “Adolescentes de todo mundo me escreveram me dizendo que essa ideia foi muito útil para eles. [...] Vários disseram que escrever livrou-os de uma fossa ou de um mau humor. Quase todos afirmaram que essa prática se transformou numa parte bem-vinda e constante da vida deles, que fez com que sentissem melhor praticamente o tempo todo.” (CARLSON, 2001, p.119).
- (09) “Fiquei muito impressionado com um grupo de adolescentes que conheci no Alabama. Pedi que me contassem como haviam expressado sua generosidade. Vários responderam que era divertido e fácil, além de tremendamente gratificante, ajudar alguém com o dever de casa, ou um exercício, ensinando alguma coisa, ou ajudar alguém a sair de uma enrascada – todas ótimas ideias.” (CARLSON, 2001, p. 128).

Assim como as citações de experiência, algumas descrições narrativas encontradas na obra também apresentam uma análise argumentativa do enunciador em direção às teses que oferece ao seu público leitor. Segundo Charaudeau (2010), tal procedimento argumentativo visa produzir um efeito de exemplificação aos argumentos utilizados, reforçando ou produzindo uma prova. Sejam para ressaltar um comportamento tido como benéfico pelo enunciador, seja para descrever consequências maléficas de comportamentos contrários aos propostos pelo enunciador, tais narrativas são sempre comentadas sob a ótica do enunciador,

reforçando o traço persuasivo deste mecanismo. O enunciador descreve fatos em que indica tanto atitudes consideradas nocivas aos adolescentes quanto atitudes positivas que busca reforçar como modelos de conduta. Todos os exemplos descritos são dos próprios adolescentes, o que visa aproximar o público das situações narradas.

Por fim, como último recurso discursivo encontrado na obra está o questionamento de denegação. Este tipo de pergunta implica, em sua própria formulação, uma resposta que o enunciador pressupõe como correta ou ainda uma desqualificação de um argumento, colocando em questão as razões de determinados comportamentos por parte dos adolescentes em situações de estresse. O enunciador avalia e declara (ainda que manifeste tais convicções como perguntas) que não há motivos suficientes que poderiam conduzir a tais atitudes. O enunciador orienta os adolescentes desmotivando-os a determinados comportamentos de raiva, de negativismo, de frustração e de decepção enunciando-os por meio de perguntas e não por meio de afirmações, que poderiam soar muito autoritárias e impositivas, ao mesmo tempo em que simula um diálogo com seu público. O que se torna mais pertinente como traço do uso dessas perguntas para a obra em análise é o fato de que, nas suas formulações, o enunciador não concede espaço para outros sentidos ou “respostas” possíveis para tais questões. O enunciador deste tipo de interrogativa não apresenta, em seu modo de enunciar, diferentes soluções ou possibilidades de interpretações dos fatos colocados em questão que não as suas próprias, ainda que ele promova certo tipo de diálogo com quem o lê ou ouve, através de um simulacro de interação que se instaura mediante o uso deste tipo de força ilocutória. Assim, nota-se que este simulacro de diálogo se trata de uma tentativa de atenuação de um modo autoritário e dogmático do sujeito enunciador apresentar-se em sua enunciação, traço este que ainda permanece no direcionamento das respostas das questões que o próprio enunciador formula. Ainda que conceda novas possibilidades de sentidos para as questões formuladas, a ênfase em determinadas perguntas demonstra, mais uma vez, a conduta mais impositiva e orientadora do enunciador. Por conseguinte, nas ocorrências a seguir encontradas na obra em análise, verifica-se um modo de enunciação que escamoteia o autoritarismo do enunciador, mas que não o apaga por completo de seus enunciados e do tom com os quais eles estão associados.

- (10) "Mas para que ficar nervoso e frustrado com coisas que não pode controlar?" (CARLSON, 2001, p.49).
- (11) "Por que você ia querer estar envolvido? Por que ia querer se misturar com alguém assim?" (CARLSON, 2001, p.66).
- (12) "E quem precisa disso? [...] Afinal de contas, quem quer estar com alguém que está

sempre discutindo, que alimenta conflitos, alguém que raramente consegue deixar passar qualquer coisa?" (CARLSON, 2001, p.68).

- (13) "Por que não gastar menos tempo e energia desejando estar em outro lugar e mais fazendo de cada dia o máximo que pode ser?" (CARLSON, 2001, p. 258).
- (14) "Por que incluir pensamentos negativos, de raiva, de derrotismo ou de frustração na mistura, se você sabe, tem certeza absoluta, que o resultado serão sentimentos estragados?" (CARLSON, 2001, p.329).

Na sequência, como conclusão do artigo, indicar-se-ão as relações que tais procedimentos argumentativos estabelecem com a imagem do enunciador projetada na enunciação, ou seja, com o *ethos* discursivo nesta obra de autoajuda para adolescentes.

## **5 Considerações finais**

O discurso de autoajuda, como dito anteriormente, tem sido objeto de diversas pesquisas sobre argumentação. Uma das explicações para tal fato é a de que, nas palavras de Brunelli e Hattner (2010), “espécie de manual de sobrevivência do mundo atual, os livros de autoajuda se destinam a orientar os seus leitores, oferecendo-lhes supostas receitas e segredos para solucionar qualquer tipo de problema”, portanto o uso e os efeitos de recursos argumentativos de persuasão constituem um objeto de estudo pertinente, especialmente para verificar suas consequências para a eficácia do discurso. Na pesquisa que embasa este artigo, entretanto, a argumentatividade se atrela a um modo de enunciação específico relacionado ao *ethos* que caracteriza uma dada formação discursiva e que é responsável, na perspectiva discursiva de Maingueneau (2005a), pelo processo de adesão do público a este discurso.

Na obra em análise, a alta recorrência de elementos argumentativos e a estruturação enunciativa fortemente atrelada ao modo de organização argumentativo permitem constatar traços do *ethos* discursivo característico, por algumas marcas que imprime no modo de enunciação do fiador do discurso de autoajuda para adolescentes.

A estrutura argumentativa da enunciação apresenta, explicitamente, em cada capítulo da obra, os seus componentes lógicos básicos: uma proposta sobre o mundo, no caso, a de que as dicas e sugestões de comportamento do sujeito enunciador auxiliam no combate ao estresse; uma proposição, determinando a tomada de posição favorável do sujeito enunciador em relação aos passos e sugestões oferecidas por ele para o combate ao estresse pelos adolescentes e contrária a outros tipos de comportamentos, e um quadro de persuasão, composta de argumentos favoráveis às dicas e desfavoráveis aos comportamentos contrários ou diferentes aos propostos. Esta forte correlação da enunciação com a estrutura argumentativa indica um forte comprometimento do enunciador para convencer o público

adolescente de que, se ele deseja alcançar uma vida mais tranquila e menos estressada, a resolução para seus problemas são exatamente aqueles que lhe são oferecidos pelo enunciador. Desta forma, definir comportamentos aceitáveis ou não nas situações de estresse, comparar benefícios e malefícios de diferentes atitudes perante momentos de estresse, citar experiências de outras pessoas em relação à adoção de determinadas condutas são mecanismos de persuasão que visam mostrar o engajamento do enunciador em fazer com que seu interlocutor, o público adolescente, escolha suas dicas, suas propostas e suas sugestões de condutas de combate ao estresse e não outras. Além disso, o enunciador mostra suas habilidades e potencialidades como avaliador desses comportamentos, em função de uma capacidade, de um saber ou de uma experiência de observação e teorização sobre o comportamento humano, e como orientador do público adolescente na resolução de situações de nervosismo. Suas dicas e sugestões compõem o ‘produto’ que o enunciador tem a oferecer aos adolescentes: trata-se, entre enunciador e interlocutores, de uma relação de consumo. Desta forma, o enunciador, como um ‘publicitário’ ou ‘vendedor’ de um serviço, deve indicar as qualidades de seus produtos, salientar os problemas de seus ‘concorrentes’ (que são, no caso, os comportamentos considerados inadequados pelo enunciador), compará-los em relação aos seus prós e contras, relatar as experiências de outros ‘consumidores’ tanto no que diz respeito ao seu ‘produto’ como no que diz respeito ao ‘outro’, em uma relação direta com seus ‘clientes’. Esta relação direta entre enunciador e enunciatário justifica, portanto, a configuração enunciativa que simula uma situação de troca dialogal entre eles. O enunciador dirige-se, tal como nas propagandas e nas situações de vendas, diretamente ao público, no caso, o jovem. Considerando-se que o discurso de autoajuda, por meio de suas fórmulas, deve promover uma mudança de comportamento de seu público, o enunciador da obra em análise adota uma enunciação característica de um ‘publicitário’ ou ‘vendedor’ de um produto ou serviço simultaneamente a uma enunciação típica de um orientador e de um experiente e sábio avaliador do comportamento e das emoções humanas, estabelecendo um lugar social legítimo que lhe autorize determinar os critérios para tal avaliação e orientação.

No que se refere aos domínios semânticos a que se vinculam os argumentos selecionados pelo enunciador, o domínio do pragmático (que estabelece os valores de utilidade/benefício ou inutilidade/malefício dos comportamentos em momentos de estresse) como o mais recorrente indica, mais uma vez, a relação do enunciador com seu papel de ‘vendedor’ de um serviço para seu ‘cliente’ jovem, já que sobrepõe seu ‘produto’ (suas dicas e sugestões) como pertinente e eficaz, o que de fato interessa a qualquer consumidor na sua aquisição. O escopo da utilidade das fórmulas apresentadas também aparece como um

procedimento para valorizá-las, já que validade do ‘produto’ oferecido’ é associada a inúmeras situações de estresse, a vários tipos de relacionamentos sociais, a inúmeros setores da vida do adolescente. Desta forma, o enunciador valoriza o produto, destacando a aplicabilidade de suas dicas e sugestões a inúmeros casos de estresse que o seu público poderá enfrentar.

Por outro lado, o uso de questionamentos de denegação, em que o enunciador antecipadamente exclui um argumento em termos de sua legitimação ou motivação para adotá-lo em sua própria formulação de pergunta retórica, indicia traços de autoritarismo de seu enunciador, já que induzindo a impossibilidade de considerar-se o argumento questionado como válido, impõe seu posicionamento em relação ao adolescente sobre os comportamentos que constituem os temas de tais questões. Embora simule uma interação com o ponto de vista do jovem, o enunciador, por meio deste artifício, descarta a legitimidade de certos comportamentos que os adolescentes podem adotar em situações de estresse, desqualificando sua motivação por meio deste tipo de questão. Este autoritarismo do enunciador do discurso de autoajuda já foi identificado em outras pesquisas, aliado a traços outros identificados, por exemplo, em Brunelli (2004), na análise que a autora faz do *ethos* discursivo de autoajuda relacionado à temática dos negócios, tais como a autodeterminação, o dogmatismo, o tom otimista, a objetividade do enunciador típico deste discurso.

Constatou-se, então, através da análise do modo de organização argumentativo, quais os traços do *ethos* discursivo poderiam ser identificados em função dos componentes deste modo de enunciação, determinado por restrições da formação discursiva a que pertence a obra, analisando-se quais os efeitos de sentido que poderiam proporcionar à imagem do sujeito enunciador da obra de Carlson (2001). Assim, o enunciador caracteriza-se pelo forte engajamento em relação à proposta de mudança de comportamento do público jovem, pelo seu saber e sua experiência decorrentes de sua potencialidade em avaliar comportamentos e emoções humanas, pela conduta de ‘publicitário’ ou de ‘vendedor’ na promoção de seu ‘produto’ e pelo autoritarismo de sua abordagem que desqualifica o comportamento contrário ao que se oferece ao jovem.

## **REFERÊNCIAS**

- ALONSO, D. M. **A argumentação em textos de autoajuda**. 2010. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BRUNELLI, A. F. **O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de auto-ajuda**. 2004.

149f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BRUNELLI, A. F.; HATTNER, M. M. D. A. As qualificações do saber, do dever e do poder: uma análise linguística do discurso de autoajuda. In: BARONAS, R. G. **Análise do discurso: teorizações e métodos**. Campinas: Mercado de Letras: 2010, p. 13-31.

CARLSON, R. **Não faça tempestade em copo d'água para adolescentes**: maneiras simples de manter a calma em momentos de estresse. Tradução de Alyda Christina Sauer. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CHARAUDEAU, P. Modo de organização argumentativo. In: \_\_\_\_\_. **Linguagem e discurso: modos de organização**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 201-249.

LIMA, L. S. A. M. **Programe sua mente e seja bem-sucedido, feliz, influente, próspero e saudável**: um estudo da persuasão em livros de autoajuda. 2005. 187f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005a, p.69-92.

\_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005b.

\_\_\_\_\_. A noção de ethos discursivo. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

OLIVEIRA, S. F. P. e. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki**. 2006. 196 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara, Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2006.

PEREIRA, J. N. **Gênero autoajuda**: estratégias linguístico-discursivas. 2005. 204f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

SOBRAL, A. U. **Elementos sobre a formação de gêneros discursivos**: a fase parasitária de uma vertente do gênero de autoajuda. 2006. 305f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

Data de recebimento: 30 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.